

Apelo para a emoção nem sempre dá resultado

Por força da legislação, o papel dos artistas no processo eleitoral deste ano nem de longe se compara ao que eles desempenharam em 1989. Mas, mesmo que essa participação fosse mais ativa, ela não se traduziria em votos. Na avaliação de Gaudêncio Torquato, professor de Comunicação Política da Universidade de São Paulo (USP), a adesão de artistas é um apelo emotivo apenas para a fatia dos eleitores indecisos e para alguns segmentos da sociedade que decidem seu voto pela emoção, traduzida no sentimento de simpatia por um cantor ou ator.

— Só que nesta eleição a coroa na fama não vai funcionar tão bem como na disputa entre Lula e Collor, em 1989. O voto está sedimentado e não há uma polarização clara entre direita e esquerda — diz Gaudêncio Torquato.

Ele vai além, considerando ingênuos os artistas que ainda acreditam que podem influir numa eleição carreando os votos de seus fãs para um candidato.

— Ainda tem muito artista que acha que tem esse poder. Vão cair do cavalo nessa eleição — afirma.

Na opinião do cientista político Bolivar Lamounier, a atual lei eleitoral veio corrigir um excesso de influência dos artistas nas campanhas.

— Em 1989, eles viraram a principal atração do horário

eleitoral na TV, assumindo uma influência excessiva na campanha.

Segundo Lamounier, o apoio de artistas tem hoje um conteúdo ideológico apenas residual, estando mais associado ao grau de relação pessoal com o candidato ou à identificação com o programa de governo para a área de cultura.

José Arthur Giannotti, pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap), diz que a adesão de artistas passou a ter um significado restrito:

— A companhia de artistas na campanha significa apenas que o candidato tem a sua auréola de arte, que tem propostas para a área cultural.

Para Luiz Werneck Vianna, pesquisador do Instituto de Pesquisas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Iuperj), a divisão dos votos no meio artístico é um dado novo que surgiu na campanha deste ano.

— Os artistas já foram uma grande tribo no Brasil, notadamente na década de 70. Hoje há cheyennes, sioux, apaches... — ironiza.

Na sua opinião, o artista interpreta o seu engajamento como uma demonstração de que está inscrito na tribo da fama:

— O artista que não foi a reuniões de apoio a um ou a outro candidato é considerado um artista que não tem um público, não é famoso.